

BICHO E CRIANÇA – PALMA, PÉ E DANÇA: O CORDEL NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Marcelo Medeiros da Silva – UEPB – Campus VI
Caio Bernardo da Silva – UEPB – Campus VI**

INTRODUÇÃO

A proposta de leitura de cordel apresentada no presente trabalho assenta-se na perspectiva do letramento literário, conforme delineado por Cosson (2006), e visa contribuir para a formação continuada de leitores a partir do ambiente escolar mediante práticas de leituras que conjuguem saber e sabor, prazer e alegria no exercício de aprender a aprender. A presente proposta é decorrente das ações que estamos desenvolvendo como integrantes do projeto de extensão “Um encontro, um texto: uma proposta de letramento literário em escolas do cariri e do moxotó”, coordenado pela professora Ludmila Mota de F. Porto e com a colaboração do professor Marcelo Medeiros da Silva, ambos docentes do curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, campus VI.

O referido projeto originou-se a partir das inquietações que nós, juntamente com os demais integrantes, constatamos e que podem ser, sumariamente, descritas da seguinte forma: a realidade das práticas de leitura desenvolvidas nas escolas onde trabalhamos permite-nos afirmar que a leitura, especialmente a literária, ainda é uma ação rarefeita, incipiente e, em virtude disso, de pouca valia para a formação de leitores efetivos da palavra verbal, notadamente da palavra literária, essa que traz consigo todas as dores e alegrias do mundo.

Como a leitura é uma ferramenta imprescindível que não só marca o nosso ingresso, mas nos possibilita a chance de permanecer e circular em sociedades letradas como a nossa, reiteremos que é preciso que a escola propicie condições para que os alunos possam se apropriar de tal ferramenta, daí por que é necessária a ressignificação das práticas que já ocorrem no interior da escola, para o que o presente trabalho pretende contribuir. Inserida no interior daquele projeto maior, nossa proposta de investigação volta-se para a prática ou práticas de letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa destinadas a alunos da primeira fase do ensino fundamental, público

com o qual trabalha a escola que nos serviu como campo de atuação e que fica situada no município paraibano do Congo.

A referida instituição baseia-se no sistema educacional multisseriado no qual crianças de faixas etárias diferentes e, conseqüentemente, de níveis e déficits de aprendizagem distintos estão sob a regência de um único professor. Salientemos que a opção por esse sistema de ensino dá-se em virtude de a escola situar-se na zona rural do referido município cuja população ainda traz, em seu imaginário, valores, crenças e práticas culturais que vêm sendo passados de geração a geração, como é o caso da produção e venda artesanal de vassouras, assim como o cultivo de danças típicas a exemplo do coco de roda, cirandas e cantigas que marcaram e ainda marcam a constituição da identidade individual e coletiva de todos os integrantes da referida região à que pertencem as crianças e a escola com as quais estamos trabalhando.

O fato de os alunos pertencerem a tal ambiente, marcado pela forte presença de elementos, práticas e saberes da cultura popular, levou-nos a escolher como escopo de nossa proposta de leitura um gênero da literatura popular: o cordel. Nosso objetivo é refletir acerca de como a escola tem propiciado o contato da criança com a leitura, especialmente a de textos literários, e até que ponto as ações da escola têm contribuído para a formação de leitores, sobretudo de literatura, na primeira fase da educação básica. Nosso intuito é que, trabalhando propostas de leitura com as crianças a partir de intervenções lúdicas e prazerosas, tenhamos a oportunidade de criar no meio escolar uma realidade que esteja centralizada na leitura como principal meio de não só adquirir e aprimorar certas competências para o viver em sociedade, mas também como uma forma de conjugar no saber o sabor de aprender.

Poesia, cordel e criança: do saber ao sabor em aprender a ler na educação infantil

A relação entre o ser humano e a literatura dá-se desde a mais tenra idade. Por exemplo, quando crianças, nosso primeiro contato com a literatura acontece quando somos expostos a uma das mais primitivas formas de poesia: os acalantos, a forma mais conhecida de poemas de afago. De acordo com Bordini (1986), as canções entoadas pelos pais a fim de aquietar os filhos não só embalam o sono das crianças como também funcionam como o gatilho para despertar a sensibilidade da criança para com a poesia, o

que será de extrema importância para a formação dela como ser humano, principalmente se esse contato se perdurar ao longo da vida da criança, a qual deve ser exposta a outras formas de expressão literária que exponham o leitor-mirim a universo novo, ampliando a percepção de mundo, de comportamento e de convivência mediante um processo gradativo e formador:

Em contato com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam de seu ambiente familiar, linguístico e social. Todavia, a configuração eminentemente ordenadora dos estímulos poéticos (os ritmos, a criação de vínculos entre objetos isolados) garante que esse deslocamento se processa num clima de segurança, em que o incomum produz prazer e não temor. Assim, a experiência do poema propicia o alargamento dos conteúdos da consciência por uma prazerosa tomada de posse do desconhecido, suscitada pelo desafio das formas e das ideias (BORDINI, 1986, p.30).

Embora a escola na seja a única instância em que é possível ocorrer o contato com a poesia e outras formas literárias, parece ser nela que tal contato acontece com mais frequência. Por isso, o ambiente escolar é de extrema importância na formação literária dos alunos, e o professor desempenha um papel fulcral em tal processo. Como afirma Cosson (2006), ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja em busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que estão inseridos, uma vez que a literatura nos possibilita uma compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor com suas alegrias e tristezas, altos e baixos. Por isso, desde a educação infantil, o contato da criança com a poesia e/ou literatura deve ser uma relação cultivada não só porque a criança mantém contato desde o nascimento com as formas poéticas, mas também porque estar exposta à leitura literária propiciará a ela obter diferentes visões de mundo bem como desfrutar de liberdade para, por meio da fantasia, fazer dos seus sonhos realidade, para poder ser o que deseja e o que a sua imaginação permite que ela seja.

O contato da criança com a literatura “infantil” é, pois, imprescindível, porque é um meio de falar ao intelecto infantil através da sensibilidade. Todavia, quando se vai ao universo escolar, o que se tem constatado é uma escola que sufoca o deleite literário em favor do cumprimento de certos protocolos que não contribuem para o desenvolvimento humano das crianças muito menos para as habilidades e competências que a escola pretende que o seu aluno desenvolva. Na busca da “formação desejada”, as leituras se tornam condicionadas a metas e de procedimentos curriculares de forma que

o contato da criança com a poesia e outras formas literárias na escola tende a ser na maioria das vezes insatisfatório:

Não é de surpreender que a criança – tendo convivido desde cedo com as formas folclóricas na família e vizinhança, que lhe proporcionam prazer e informação sobre a existência sem finalidades práticas e através de elementos secularmente geradores de vivência estética – acabe por sair da escola rejeitando inteiramente o que aprendeu a ver como poesia, graças ao esforço “educativo” de seus “professores poetas”.

Acrescentemos a isso que a escola precisa considerar que a criança, mesmo desprovida de conhecimentos linguísticos necessários, é criadora de poesia. Ou melhor, a própria criança é poesia em que a pureza, a verdade de sentimentos se mostram tão efetivos de maneira que o viver de uma criança apresenta-se comum a qualquer arte:

Por que motivos as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionado com a necessidade do jogo, a ausência do conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? Acho que é um pouco de tudo isso, e mais do que isso, pois lá encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência o senso crítico, a consciência estética, dos que compõe ou absorvem poesia (DRUMMOND, 1974 *apud* BORDINI, 1986, p.55).

Neste sentido podemos afirmar que há em toda criança poesia, assim como em todo poeta e escritor existe uma criança que se torna atemporal e se faz presente através da literatura que eles escrevem. Se, no leitor-mirim, está o futuro adulto, para cuja formação humana a literatura é imprescindível; no adulto de hoje dorme a criança que ele foi e que pode ser despertada pelo sopro vivificador da palavra literária. Enfim, não importa se adulto ou se criança, a literatura constitui para ambos um direito humano e, como tal, conforme nos ensina o mestre Antonio Candido, não lhes pode ser negada. Nesse sentido, é preciso defender a necessidade da leitura literária não só porque inúmeros jovens e adultos gostam de ler, mas também porque a literatura é uma das profundas necessidades humanas, necessidade que, se não satisfeita, pode causar a desorganização pessoal ou a frustração mutiladora, pois ela, em sendo uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito, é fator indispensável de humanização, processo esse que é, aqui, compreendido conforme apresentado por Candido (1995):

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o

exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Se a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade, ela é, então, algo que deve fazer parte da nossa formação desde a infância, razão por que deve se fazer presente no ambiente escolar já nas primeiras séries, mas essa entrada do texto literário não pode ser marcada pelo anseio pedagogizante e/ou doutrinador. A literatura deve ser para a criança o espaço dos possíveis impossíveis, deve ser o espaço da brincadeira de ser descobrir, ludicamente, como ser no mundo. Para atender a isso, acreditamos que o cordel, a partir da temática dos bichos, era o gênero literário mais adequado para desenvolver um trabalho significativo com os alunos da escola do município do Congo em virtude de esses alunos fazerem parte de um universo dentro do qual o cordel é uma das formas de expressão literária que é inerente ao cotidiano deles e que, circulando no interior da sala de aula, pode propiciar às crianças deleite e reflexão.

Conforme Marinho e Pinheiro (2012), há uma aproximação entre a literatura popular e a recente literatura infantil brasileira e existem em muitos cordéis traços que confirmam essa aproximação, tais como o predomínio da fantasia, o caráter fabular, a musicalidade entre outros. Além disso, considerando-se que nosso público é composto por crianças, existem outros aspectos que ratificam a nossa escolha pelo trabalho com o cordel em sala de aula: temáticas que se aproximam da realidade vivida pelas crianças, as quais, vivendo em um ambiente extremamente rural, mantêm contato direto com a fauna e a flora locais, o que pode auxiliar na leitura e discussão dos cordéis escolhidos. Acrescentemos que, além disso, a forte presença do humor, a imagem da natureza, do fantasioso, elementos que encantam e que tornam a leitura um mundo a ser descoberto por cada um são outros aspectos que podem fisgar as crianças para o universo de gostosuras e travessuras a que se pode chegar por meio da leitura.

Na cesta de cordéis, os bichos fizeram a festa: uma proposta de leitura para a sala de aula

Pelo exposto nos parágrafos anteriores, a literatura deve ser antes de tudo um caminho à liberdade, à imaginação, à emancipação do leitor e não apenas mais um dos

recursos de que se vale a escola para o cumprimento das ações curriculares. Pensando que a escola, embora seja um espaço sério, pode ser também o lugar do riso, da alegria, da descoberta de que aprender é uma ação aprazível, é que apresentamos a presente proposta de trabalho com o cordel tendo em vista uma temática específica, a dos bichos, e um público também bem específico, alunos da primeira fase da educação básica. A referida proposta que está sendo, ainda, realizada em sala de aula foi elaborada em dez passos ou etapas, que passamos a descrever a seguir:

No remelexo das cadeiras

Se queremos conquistar o aluno e, portando, torná-lo leitor, as atividades de promoção da leitura não podem ser vistas como imposições, mas, sim, como convite, daí por que, segundo Cosson (2006), é importante a realização de atividades prévias que visem motivar o aluno para as atividades que virão posteriormente e prepará-lo para adentrar no texto, de forma que, já nesse primeiro momento, o aluno possa perceber que as atividades a serem realizadas se lhe afigurem como prazerosas e interativas. Considerando a importância de despertar os alunos para a participação e interação com os textos em sala de aula, tendo-se também em conta que o público a que se destina a presente proposta de leitura é composto por crianças, sugerimos que seja realizada uma atividade de motivação que acreditamos já fazer parte do imaginário infantil – a dança das cadeiras.

Com o objetivo de convidar às crianças para brincar de ler, essa atividade consiste em dividi-las em dois grupos em torno de algumas cadeiras. Enquanto a música estiver tocando (sugerimos a utilização de um cd com cantigas de roda), os alunos estarão girando em torno da fileira. Quando a música parar, o aluno que não conseguir sentar-se em uma das cadeiras deverá responder à adivinha do cordel infantil *Criança responde*, de Isaura de Melo Sousa. Se o aluno acertar, ganhará o direito de permanecer na brincadeira. Caso não, ele terá de sair dela. Mas como prêmio de consolação ganhará um brinde que fica a critério do professor, mas acreditamos que chocolates serão do agrado do público.

Conhecendo as vozes dos animais

Nessa segunda etapa, os alunos serão convidados a adivinhar as vozes dos animais. Para tanto, o professor poderá seguir como roteiro o cordel *A voz dos bichos: animais falam, sabia?*, de Manoel Monteiro. O objetivo é continuar mantendo o clima

lúdico instaurado com a atividade de motivação acima apresentada. Nesse caso, o professor irá ler o cordel e deverá ir perguntando aos alunos a voz que cada animal citado no texto faz. O aluno acertando ou errando, o professor lerá o que o cordelista escreveu. No final, o professor poderá pedir aos alunos que escrevam o nome dos animais que eles conhecem e que não foram citados no cordel bem como perguntar aos alunos se eles sabem reproduzir o som que os animais citados por eles fazem. Nesse caso, no quadro, caso os alunos não saibam escrever, o professor registra em uma coluna o nome dos animais ditos pelos alunos e depois o som deles. No caderno, os alunos registram o que o professor escreveu em cada coluna

Do jeito dos animais

Seguindo o mesmo procedimento acima, a terceira etapa consiste em o professor trabalhar com o comportamento dos animais a partir do cordel *Cenários do interior: seres, fatos e natureza em geral*, de Daudeth Bandeira e José de Sousa Dantas. Interessamos a parte em que os autores falam dos animais. Aqui, o professor poderá perguntar à turma se ela conhece os animais de que falam os poetas. Em um lado do quadro, registrar os que são do conhecimento da turma. No outro lado, os que não são. Além disso, indagar se turma conhece os animais citados no cordel pelos nomes que aparecem lá. Se não, perguntar quais os nomes que as crianças sabem que servem para designar os bichos citados no cordel.

Bichos da gota serena

Já que falamos de vozes, comportamento dos animais, agora, na quarta etapa, é hora de falar das proezas que cada um deles é capaz de fazer. Como guia para esta etapa, o professor vai ler o cordel *Cenários do interior – proezas dos animais*, de Daudeth Bandeira e José de Sousa Dantas. Seguindo a sequência do próprio cordel, o professor, antes de ler o que os poetas comentam como proezas do animal a ser lido, deve instigar o aluno a pensar o que tal animal é capaz de fazer. Quando os alunos falarem, o professor lerá a estrofe do cordel, conversará com os alunos sobre se concordam ou não com o que o poeta disse e prosseguirá a leitura até o término do cordel quando deverá proceder conforme sugerimos na próxima etapa.

Trazendo a bicharada para a sala de aula

Uma vez lido todos os cordéis acima, o professor vai listar com os alunos o nome de todos os animais que apareceram ao longo de todo o texto. Os alunos vão ficar

responsáveis por trazerem gravuras, desenhos, fotos de cada um desses animais e colarem em uma cartolina. Abaixo da foto, gravura ou desenho, deve constar, como legenda, escrito pelos próprios alunos, o nome do animal ou animais. Essas cartolinas podem ser afixadas no pátio da escola para que os alunos possam falar dos animais a partir do que eles já sabem e a partir do que foi lido nos cordéis.

E vai rolar a festa da bicharada

Feito isso o que foi sugerido acima, podemos passar para a leitura de outro cordel. Neste caso, o professor poderá suscitar a turma a pensar o que aconteceria se os animais que eles conheceram pela leitura dos cordéis anteriores resolvessem fazer uma festa. Como seria essa festa? O que teria? Que tipo de comida? Que tipo de música? Quem formaria par com quem? Será que o cachorro iria querer dançar com a cachorra ou com a gata? Aqui, o professor poderá instigar a turma a pensar na formação de pares, mas, sobretudo, nas diferenças entre os seres humanos, enfim, na alteridade. Depois de feitas tais questões, depois de registradas as respostas dos alunos no caderno, o professor passará à leitura do cordel *A festa dos cachorros*, de José Pacheco. Findada a leitura, abre-se o debate para que os alunos possam emitir a opinião deles sobre o texto lido.

Na festa dos bichos, cachorro não tem vez

Como o cordel anterior só falou da festa dos cachorros, o professor pode sugerir a seguinte proposta à turma: imaginem que os animais da redondeza ficaram com inveja porque não foram convidados para a festa dos cachorros e por isso resolveram eles mesmos promoverem uma festa. Então, como seria essa festa? Registrar o que os alunos sugerirem. O professor pode ir mais além e dizer: como os animais que não foram convidados queriam ter certeza de que os cachorros saberiam da realização da festa, os animais resolvem divulgá-la. Como fariam isso? O professor levará a turma a construir cartazes de divulgação da festa, ingressos. É bom que o professor leve modelos desses gêneros para os alunos terem um padrão de confecção dos seus próprios ingressos e cartazes. Essa pode ser uma atividade feita a partir da utilização do data-show.

Além disso, que músicas seriam tocadas na festa? É bom pensar em uma trilha sonora que possa ser tocada durante a aula e que sirva de pano de fundo para a leitura do cordel desta aula. Depois de tudo pronto, é hora da festa. Então, o professor lerá o cordel *7 dias de forró no reino da bicharada*, de Marcelo Soares. Para que não fique só

o professor lendo os cordéis, se na turma houver alunos que já leiam, pedir a colaboração deles ou então pedir a colaboração de outra pessoa da escola que possa disponibilizar um tempo para a leitura com a turma.

Uma música animal

Aproveitando que os alunos foram desafiados a pensarem em uma trilha sonora para a festa, o professor poderia aumentar o desafio. Os alunos poderiam escrever algumas músicas para fazerem parte da trilha sonora animal ou escrever apenas uma única música que, por exemplo, tenha sido a sensação da festa, o *hit* mais tocado. Para isso, eles podem se valer da criatividade e parodiar canções já conhecidas. E a inspiração para tais letras pode advir da exploração da materialidade do texto, tais como as xilogravuras ou com desenhos que vêm nas capas dos cordéis. Esse poderia ser também um momento para dar informações “históricas” sobre o gênero, mas isso não pode ser feito de forma demasiadamente longa para não colocar em risco o que foi feito até então.

Da letra para a tela

Já que as atividades giraram em torno do gênero cordel, o professor poderia exhibir um documentário sobre a literatura de cordel. Pipocas e confeitos para esse dia iriam tornar mais saborosa a exibição do documentário.

Do meu bicho, falo eu

Por fim, o professor poderia arriscar a produção de um cordel com as crianças que escolheriam o tema. Para servir de exemplo, poderiam ser trabalhos os cordéis *Poesia Popular – de ler e brincar* e *Quer escrever um cordel – aprenda a fazer fazendo*, ambos de Manoel Monteiro. Em caso de os alunos ou o próprio professor não terem habilidades para escrever versos, sugerir-se-ia à turma que todos produzissem pequenas narrativas sobre seus animais. Aqui, essa produção poderia ser escrita ou oral. O importante é que seja facultado ao aluno o poder de ser sujeito de sua produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta descrita acima se baseia na convicção de que o cordel pode ser uma ferramenta importante na formação de leitores, a partir da educação infantil, em virtude

que certos aspectos que marcam o referido gênero, tais como a ludicidade, a rima dos versos, a linguagem simples, as temáticas próximas ao universo infantil, aspectos esses que podem encantar as crianças e fispá-las para o universo da leitura literária.

Entretanto, convém reiterarmos a advertência feita por Marinho e Pinheiro (2012), para quem o trabalho com o cordel em sala de aula, e acreditamos com todas as outras formas literárias, necessita que os interessados disponham de uma relação amorosa com o gênero literário que se dispôs a trabalhar com os alunos e, sobretudo, compreendam a função de tal gênero no contexto educacional e social para que se conheça sua dimensão além dos muros escolares. Essa atitude amorosa deve ser permeada pelo o respeito ao saber do aluno e pela busca constante em prol da interação em sala de aula de forma que textos e leitor mais do que se encontrar estabeleçam constantes e infinitos reencontros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória. Poesia infantil. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed rev. ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Ed. 34; Duas Cidades, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.